

FUTEBOLISTAS: SANTOS OU PECADORES?

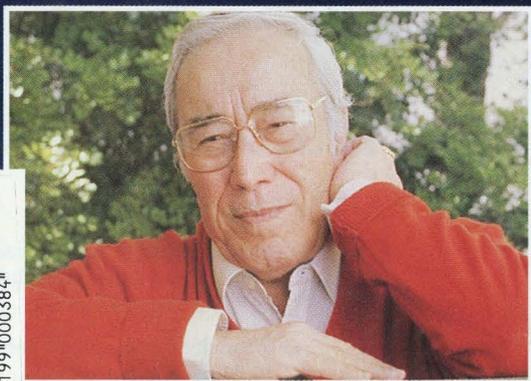
VISÃO

Nº 217 • 15 A 21 DE MAIO DE 1997 • 400\$00



Xequete ao homem

A vitória do computador sobre Kasparov levanta a questão de saber se as máquinas podem ser inteligentes



José Cardoso Pires
**COMO EU
REGRESSEI
DA MORTE**

Mais fichas para jogar



DA MORTE, COM HUMOR

Durante oito dias, o escritor José Cardoso Pires esteve sem memória a lutar com a morte. No seu novo livro conta como um homem pode rir à gargalhada quando diz adeus à vida



DE REGRESSO

José Cardoso Pires, hoje com 71 anos, passou pela «morte branca». Lembra que, ao sair do hospital, «o mundo era uma coisa espantosa, as cores tinham mudado...». O relato segue em forma de livro, a publicar no próximo dia 26

GONÇALO ROSA DA SILVA

FILIPA MELO

O pesadelo começou com uma pergunta de cartilha: «Como te chamas?» A manhã de 12 Janeiro de 1995 estava cinzenta, e pálido como ela José respondeu: «Parece que é Cardoso Pires.» Dois anos depois, o escritor ainda pensa neste «é» que marcou uma perda de identidade por oito dias. Acidente vascular cerebral diagnosticaram os médicos perante um homem a quem um coágulo de sangue no cérebro roubara a memória e a capacidade de comunicar. «Morte cerebral», difundiu a imprensa. Juntando-se a todos os que até hoje relataram experiências de proximidade com a morte, talvez compelido por aquilo a que os técnicos chamam «síndrome de Lázaro», Cardoso Pires (autor de *A Balada da Praia dos Cães* ou *O Delfim*) escreveu *De Profundis*, *Valsa Lenta*, a ser lançado na segunda-feira, dia 26, uma crónica de como a morte se lhe anunciou.

Os detalhes da história estão todos neste volume de 69 páginas (Dom Quixote, 1 980\$00). Rejeitando as explicações médicas e baseando-se apenas no relato de quem o acompanhou e na sua parca «memória duma desmemória», Cardoso Pires descreve uma «morte branca». E ri-se, ri-se muito a cada página, mostrando os dentes como serras. A ironia da coisa, só a percebeu depois de ter despejado as palavras todas no papel e ao escolher o subtítulo. *Valsa Lenta*, saboreada a cada passo, com o braço a fazer figas por trás da cintura da morte. Explica: «A ironia do relato não foi propositada. Só depois percebi que há um humor na morte quando vista à distância.»

MORTO DE RISO

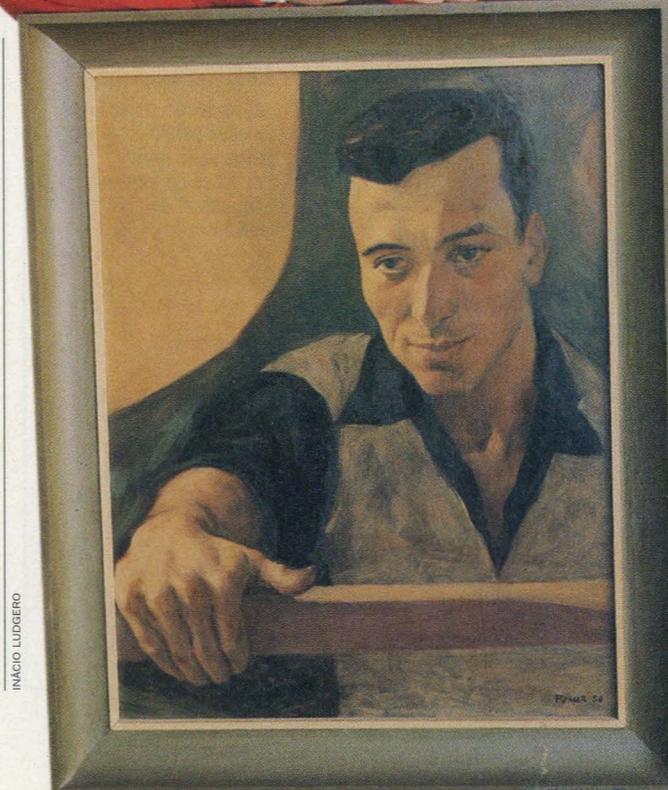
Há uns meses, ao encontrá-lo com o espírito em forma, alguém lhe disse: «Está com um ótimo aspecto.» A resposta saiu-lhe mordaz e sem ponto de exclamação. «Pois, não estou morto.» Inconscientemente, o sarcasmo tomara conta do seu caso. Como acontecera já com outros, lembra hoje, sentado no seu escritório da casa de Lisboa.

Fala do caso de um condenado à mor-

te nos EUA que antes de ser levado para o local da execução pára a leitura de um livro e dobra o canto da página onde ficou. Ou do escritor Russel Baker que conta como um dia a sua avó lhe telefona e diz: «É só para saber se vais ao meu funeral hoje à tarde.» Maravilhas de humor negro, chama-lhes Cardoso Pires. Comparáveis às conversas dos dois homens com quem partilhou o quarto no Hospital de Santa Maria, «dois passarões arruinados, a agredirem-se e sem consciência de que se refugiam no humor pa-

PRIMEIRA VERSÃO

Há ano e meio, Cardoso Pires terminou a primeira versão de *De Profundis*: um grosso romance de um homem que perde a memória, foge do hospital e, numa cidade desconhecida, é obrigado a refazer a sua vida



INACIO LUDGERO

ra fugir ao medo que têm da morte». Ou a como se chamava «feio» a si próprio, farto de procurar outro nome na memória. Ou à imensa prosápia com que pensava responder certo aos inquiridos básicos dos médicos. «Onze menos nove quantos são?» «Nada, senhora doutora. Qualquer coisa nove fora é nada.»

EU ESTIVE LÁ

Só quem voltou para contar é que pode rir-se assim, garante. «Tudo o que diz respeito à morte ou à sua aproximação é vivido sem humor, porque, por natureza, ela inspira pânico e não nos deixa ver esse lado. Quando nos safamos dela, fixamos. Satanás deve-se fartar de gozar com os sinais de humor da morte. O que eu vi naquele hospital, o que eu senti... tudo aquilo tem um humor terrível.»

Passou pela morte, José? «Penso que foi um registo do que poderá ser.

Um apagamento que só não foi como a morte porque não era absoluto. Às vezes, vinham clarões, lampejos de memória... Como o

momento em que olho para a palavra «BANHO», vejo o «B» e o «N» invertidos, passa-me uma legenda na cabeça e pergunto-me se não estou a caminhar para a loucura.» Cardoso Pires sofreu um acidente vascular cerebral (AVC) transitório porque não implicou uma lesão cerebral significativa. Os ACV, alterações da estrutura das artérias causadas por factores de risco como o envelhecimento ou a hipertensão, é indicado pela Organização Mundial de Saúde como a principal causa de morte nos países desenvolvidos. Em Portugal, surge à frente do enfarte ►

Voltar às palavras

Alexandre Castro Caldas, que dirige o Centro de Estudos Egas Moniz, acompanhou o caso de Cardoso Pires e a sua recuperação. Aqui, desvenda o outro lado das palavras

Desde o início do século XIX que a ciência se tem preocupado com as bases biológicas que sustentam a capacidade de utilizar a linguagem. Os modelos gerados são progressivamente mais complexos e aceita-se hoje que existam regiões do cérebro particularmente envolvidas nessa actividade. Isso significa que quando se fazem estudos em indivíduos normais com as novas técnicas de activação cerebral algumas regiões do hemisfério cerebral, esquerdo e raras do direito evidenciam-se durante a execução de tarefas verbais. Da mesma forma, é já conhecido que uma lesão cerebral que destrua essas regiões provoca também alterações de linguagem.

Isto não quer dizer que a função linguagem se encontra nestes lugares nem que se considera unidimensional. A aquisição da linguagem oral e posteriormente a aprendizagem da linguagem escrita introduz no sistema nervoso em desenvolvimentos estratégias organizativas específicas. Quanto às diferentes dimensões da linguagem, é possível decompor o processo em operações múltiplas para as quais se identifica a participação de operadores cerebrais próprios.

Quando uma lesão destrói este arranjo de neurónios a função perturba-se, podendo estar comprometidas as capacidades de produzir discurso, de compreender, de repetir, de escrever e outras, de forma isolada em diferentes combinações, sendo ainda possível fazer uma análise de componentes de cada uma destas funções. Conforme a natureza, a localização e a dimensão da lesão que afectou o cérebro, a disfunção será maior ou menor e mais ou menos duradoura.

Nos casos graves, porque a lesão é extensa e foram destruídas regiões fundamentais para o processo da informação verbal, os doentes ficam privados de comunicação através da linguagem para o resto da vida. Nestes casos, adquirem formas alternativas de comunicação que a família e amigos muitas vezes aprendem a descodificar e rentabilizar até à máxima eficácia. Felizmente nem sempre assim é, e regista-se uma recuperação das funções perdidas, sempre que possível com o apoio de terapeutas da fala. Esta recuperação assenta em variáveis, algumas conhecidas outras não, que têm a ver com o rearranjo funcional das redes neuronais. ■

RECUPERAÇÃO

Cardoso Pires fica, felizmente, entre os casos de recuperação de funções perdidas — não precisou de partir em busca de formas alternativas de comunicação

► DA MORTE COM HUMOR

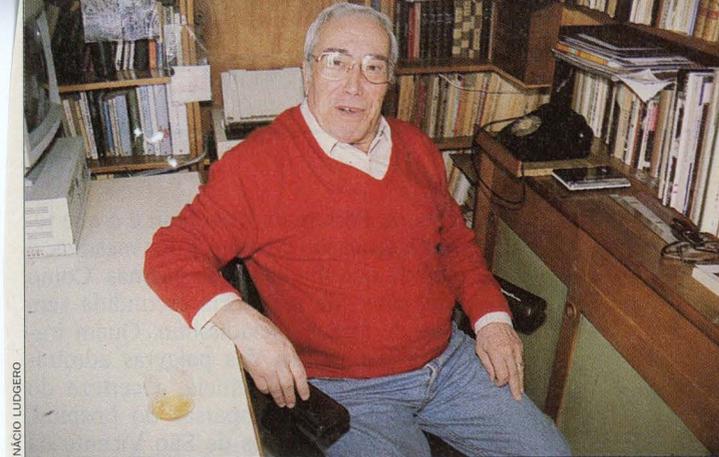
do miocárdio. Sorte ou maestria da Ciência, o escritor pode hoje dizer que conseguiu fugir «a uma morte amável».

Dissolvida a memória, embotada a sensibilidade e sofrendo de uma afasia fluente grave, «não era capaz de gerar as palavras e construir as frases que transmitissem as imagens e os pensamentos que algures no seu cérebro iam irrompendo». Assim o descreve o neurocirurgião João Lobo Antunes na sua *Carta a um Amigo-Novo*, prefácio para *De Profundis*. É mesmo neste estado, Cardoso Pires inventava um neologismo para nomear todos os objectos: «simoso». Decidiu depois criar um epíteto para aquilo por que passara. Chamou-lhe «morte branca e nula». Era assim que olhava o mundo. «Via as pessoas mas não as reconhecia — só reconhecia a minha mulher e, por vezes, esquecia-me do nome dela. Tudo tinha uma claridade espantosa e as pessoas perdiam o vulto. Não encontrei Nossa Senhora, nem Satanás, nem ninguém. Tudo era branco e nulo.», conta.

ACIDENTE, TRANSITÓRIO

O relato de calma coincide com as reflexões sobre a *near-death experience* apresentadas por Sherwin B. Nuland, professor de Cirurgia e História da Medicina em Yale, no livro *How We Die*. Segundo ele, a paz sentida por quem esteve muito perto da morte corresponde a um «mecanismo defensivo de despersonalização», resultado de uma evolução biológica de milhões de anos que tem como função preservar a vida das espécies. Cardoso Pires refere o quase completo desprendimento com que olhava tudo à sua volta. Como um ancião que inconscientemente se desliga dos afectos porque sabe que vai morrer em breve. «Desligava-me das coisas porque sabia que só era capaz de as fixar durante alguns segundos. Aceitava o mundo com um fatalismo transigente.»

Hoje, sentado no seu escritório da casa de Lisboa, José Cardoso Pires lembra como, ao sair do Hospital de Santa Maria numa manhã de Inverno, se sentiu profundamente reconhecido e generoso. «O mundo era uma coisa espantosa, as cores tinham mudado... Não sei se era Primavera ou se fui eu que a fiz. Apenas noutro momento da vida — com a minha mulher, antes de casarmos — me senti tão agradecido por estar vivo.» De volta a casa e num gesto muito pouco habitual,



A ESCRITA CONTINUA

Depois de *De Profundis*, uma experiência na primeira pessoa, Cardoso Pires terá novo livro no final deste ano

correu para a sala onde começara o pesadelo. «Lembro-me que fiz como os gatos: uma espécie de fixação do terreno. Dei a volta à casa, sentei-me neste escritório que nunca uso e, a comer o pargo cozido que pedira para jantar, estive uma data de tempo sem pensar em nada, como bêbado, grato a um mundo que me parecia absolutamente maravilhoso.» O encantamento durou um mês, durante o qual mudou muito, «para melhor». Depois, «tudo voltou ao normal».

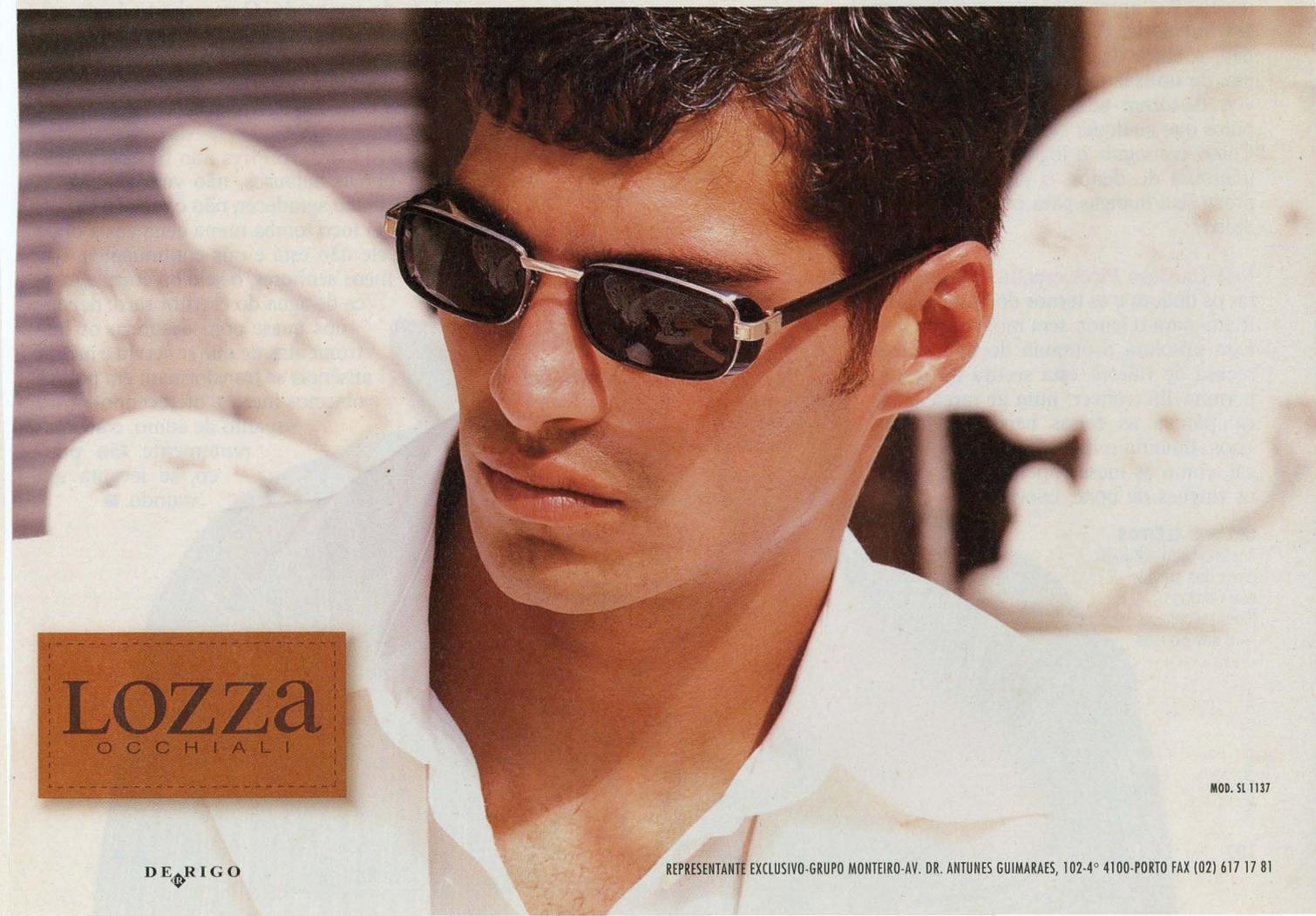
FÉ NA CIÊNCIA

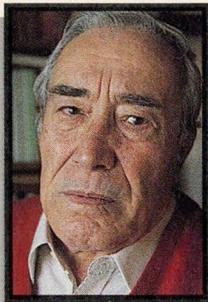
Profundamente céptico, o escritor passou perante a sua total recuperação,

operada tão subitamente quanto a queda no vazio. «O fascinante disto tudo é que não houve recuperação nenhuma. Tudo se passou como se fosse um desmaio súbito, um sono misterioso. Como um tipo que põe o sujeito e o predicado numa frase, pára a meio e depois regressa para lhe colocar o complemento. Foi uma espécie de milagre para o qual não contribuí nada», explica. Assim, só tinha duas soluções: «Ou ia a Fátima de joelhos ou agradecia aos médicos.» Católico praticante até aos 15 anos — «a minha mãe era uma católica fervorosa e, por isso, fui criado numa igreja um pouco de campanário: aliás, de onde saíram muitos agen-

tes da PIDE...» —, ateu desde então, Cardoso Pires escolheu a segunda via. E ficou-lhe um profundo deslumbramento pela Ciência e por médicos que, como João Lobo Antunes, «são grandes na sua profissão, estão ligados à humanidade e ao coração e, ao mesmo tempo, têm um humor criativo».

Nunca fez balanços de vida — «também não me convinha fazê-los...» — e julga a morte como fazia anteriormente: «Não há imortalidade. Morremos e morre tudo.» No entanto, não deixa de lhe confessar o medo, seguro apenas pela confiança na Ciência. Ficaram-lhe perguntas soltas — como «um homem sem memória pode sonhar?» —, um profundo interesse pela eutanásia — que defende acerrimamente —, e a plena convicção de que «a morte é um dos maiores negócios do mundo». Para a sua, pede dignidade, «sem dores nem humilhações». Entretanto, aos 71 anos, exercita os seus maiores prazeres: «Descobrir que todos os dias os perdemos mas que estamos já a descobrir outros.» ■





EXCLUSIVO

O espanto oferecido

António Lobo Antunes já leu *De Profundis, Valsa Lenta*, do seu amigo José Cardoso Pires. E diz de sua justiça

Livro inclassificável este: não é romance, não é novela, não é conto, não é ensaio, não é documento, não é testemunho, não é relato: é tudo isso não é nada disso, uma escrita a pulso firme no puro gume, no limite da técnica, jogo de póquer aberto ganho contra o leitor com todas as cartas à mostra, sequência de bilhar às três tabelas numa exacta, fascinante geometria de palavras. Explico-me: quando pensamos num narrador pensamos em alguém capaz de prever o passado e lembrar-se do futuro. Estas são as duas premissas essenciais ao nosso trabalho, o segredo de polichinelo da ficção. Ao apresentar-nos um homem sem memória, dela perdido e que a perdeu, o autor fica voluntariamente incapaz de utilizar tais artifícios indispensáveis, de tornar-se o charlatão sem escrúpulos que qualquer criador, para o ser, é. Como conseguir o jogo de espelhos, a manobra de dedos, o ilusionismo da prosa sem mangas para os ases escondidos?

José Cardoso Pires escolheu apresentar os duques e os ternos do baralho, de frente para o leitor, sem mover as mãos. Esta absoluta economia de meios, esta recusa de valetes, esta secura de gestos, permite-lhe vencer: num ar rarefeito de campânula as cartas baixas derrotam-nos. Ilumina o livro de cima, na vertical, como as mesas operatórias e os ringues de boxe, concen-

UM DOS ELEITOS

António Lobo Antunes é um dos amigos que Cardoso Pires reconhece — e são poucos

tra a acção em três metros quadrados de sofrimento; não existe nada mais perigoso para um escritor do que abolir as sombras.

Deixam de se poder telefonar os golpes e a menor ruga da frase torna-se cicatriz: nenhum gesto de faca pode errar o alvo porque tinge de vermelho a brancura indispensável. Na primeira quebra de tensão o artista afunda-se, o espectador abandona e o livro começa a escrever-se sozinho até ao fim da pilha, desgovernado. Para Macedónio Fernandez, conhecedor do ofício, livro mau é aquele que continua a falar quando já nos fomos

embora. Para mim, livro bom é o que temos a sensação de o fazer nós mesmos, à medida que lhe lemos as páginas. Como este, sábio de sabedoria escondida sem rabo de fora, políadíssimo. Quem trabalha por dentro das palavras admira-lhe a extrema vigilância, a certeza do aparato. Os dois comparsas do hospital, por exemplo, corvos de São Vicente da nau da enfermaria aos gritos no mastro, ao fugir à tentação de os colorir, de os transformar em robertos filosofantes ou cómicos, adquirem a dimensão a preto e branco de caixa de ressonância que purifica a acção por a despir.

De Profundis, Valsa Lenta possui a nudez clara, plana, de uma tábua de autópsia incomplicada. E aqui reside outra das virtudes primordiais do texto, cerzido sob a voz: a desapiedada objectiva da morte e a trágica indiferença da agonia mediante o uso de um humor gelado, em que os pregos do caixão tomam o lugar dos dentes. Consegue-se liofilizando a prosa, reduzindo-a a um cubo concentrado que o leitor expande na água quente do seu medo. O uso alternado da primeira e da terceira pessoa impõe um ritmo cardíaco, de tambor nas orelhas, até à explosão da música final em simultâneo com o apagar das luzes.

José Cardoso Pires não fica para receber os aplausos, não vem à boca do palco agradecer, não oferece encores. O foco tomba numa cena vazia onde ele não está e nós continuamos. Eis, meus senhores, o selo da ética, a marca de água do escritor raro: deixar-nos quase com desprezo os instrumentos de que se serviu e na sua ausência se transformam em pobres objectos inertes, oferecendo-nos o espanto de como, com aparentemente tão pouco, se levanta um mundo. ■

